



LITERATURA E JORNALISMO: JOÃO DO RIO E A BELLE ÉPOQUE CARIOCA



LITERATURE AND JOURNALISM: JOÃO DO RIO AND THE BELLE ÉPOQUE CARIOCA

Valdemar VALENTE JÚNIOR
UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 06/09/2015 • APROVADO EM 11/09/2015

Abstract

This text has like a propose to establishment the difference between literature journalism in the chronicles written by João do Rio, specifically in *Cinematógrafo* (1909) and *Vida vertiginosa* (1911), that emphasize a moment of deep transformations in Rio de Janeiro, when the city is reformed in a French fin-de-siècle style as a kind of tropical belle époque. This way, the pages of the newspapers receive many texts of several writers that turn the journalism in an extension of the literature. In this scenery, João do Rio appears as the most important representative of a period modification in the way of been of the Brazilian society.

Resumo

Este texto tem como proposta estabelecer a relação entre literatura e jornalismo na obra de João do Rio, especificamente em *Cinematógrafo* (1909) e *Vida vertiginosa* (1911), que enfatizam um momento de profundas transformações no Rio de Janeiro, quando a cidade é reformada ao estilo fin-de-siècle francês como uma espécie de belle époque tropical. Assim, as páginas dos jornais diários passam a contar com vários escritores que fazem do jornalismo uma extensão da literatura. Nesse cenário, João do Rio comparece como o mais importante representante de um período de modificação na forma de ser da sociedade brasileira.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Journalism. Literature. Urbanism. Criticism. Modernity.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Literatura. Urbanismo. Crítica. Modernidade.

Texto integral

CIVILIZAÇÃO E REFORMA

O advento do século XX suscita uma renovação nas expectativas do país, centralizada na reurbanização do Rio de Janeiro como paradigma de transformações que se efetivam no plano das aparências, na medida em que as posturas sanitárias e urbanísticas contemplam especificamente as áreas do centro e dos bairros adjacentes. A grande maioria da população pobre, confinada aos cortiços e casas de cômodos, com a Regeneração, é tangida para as subáreas, passando à condição de rebotalho humano, para quem a grã-finagem, que passa a ocupar os espaços redefinidos, acaba por fechar os olhos. Assim, “o setor popular era em parte já mais moderno devido à presença das grandes fábricas, mas não tinha a tradição de organização e luta dos artesãos, impossível de formar-se em sociedade escravista”. (CARVALHO, 1991, p. 125). A Capital Federal, portanto, aprofunda o abismo entre as classes, uma vez que essa cisão social acaba por se constituir em termo inerente à expansão do capitalismo de feição predatória que justificam essas reformas em um país de economia agrária e elevado índice de dependência. Por isso, a redefinição urbana do Rio de Janeiro apresenta-se de forma postiça, ao atender a interesses provisórios, uma vez que se faz preciso sanear a urbe obsoleta, tendo em vista tão somente a abertura de espaços aos investidores que aí depositam suas expectativas, alijando a população pobre da condição de poder fazer parte desse processo de mudanças.

Nesse processo interfere um tipo de euforia tardia, que corresponde ao modelo parisiense, incorporando à paisagem carioca o desenho de avenidas e bulevares concebidos pelo Barão de Haussmann quatro décadas antes. Assim, o Prefeito Pereira Passos importa de Paris não apenas o traçado das vias e a concepção arquitetônica dos prédios, mas o espírito de um tempo que já passara, se for pensado o fato de que, com o século XX, a Cidade Luz passa a lidar com fenômenos culturais que resultam nas manifestações das chamadas vanguardas europeias. Enquanto isso, o Rio de Janeiro, centro onde gravita a atividade cultural

do país, ainda convive como expressões do espírito reduplicado de um Parnasianismo requeentado que insiste em se prolongar no discurso impostado de baluartes como Rui Barbosa, Coelho Neto e Olavo Bilac. Sendo assim, o que pode vir a significar uma expressão do mundo moderno em transformação permanente, além de superada em seu modelo, esbarra na reiteração obsoleta de um discurso de feição autoritária.

Desse modo, os salões burgueses em pontificam as notoriedades literárias, são ainda os espaços de negociação onde são arrematados cargos públicos que têm referendo na Academia Brasileira de Letras como condição de fatura ideológica. Essa literatura do artifício, que predomina nos chás beneficentes, em palestras inócuas para plateias de arrivistas diletantes, tende a reforçar seus meios de atuação, o que a modernização da imprensa passa a efetivar como possibilidade. De fato, jornais e revistas passam a contar com a colaboração de um número significativo de escritores que se servem da pena para ganhar destaque em diferentes sessões, fazendo da imprensa uma extensão da escrita literária. Quanto a isso, cabe lembrar que a literatura brasileira no transcurso de parte do século XIX esteve arrimada ao folhetim de jornal. No entanto, há um ponto de diferença, uma vez que, no começo do século XX, passa a vigorar um tipo de escrita jornalística baseada em fatos reais que ombréia com a literatura propriamente dita, e com esta divide os espaços de acesso do público leitor.

A isso pode-se chamar de crônica, na medida em que esta opera um recorte de tempo dando ao texto uma condição de durabilidade que se mostra em princípio provisória, mas que acaba por se manifestar duradoura, como o aperfeiçoamento dos mecanismos da imprensa, que por essa época enseja a possibilidade de detecção de um momento significativo, servindo como testemunho à posteridade, por conta das mudanças que se anunciam na política como na cultura e na literatura. Segundo Brito Broca, “João do Rio transforma a crônica em reportagem, de acordo com o espírito da época, em que se implanta o sensacionalismo na imprensa”. (BROCA, 1991, 244). O redimensionamento do lugar ocupado pelo escritor amplia seu halo de atuação à esfera do jornalismo como atividade ligada à rapidez de um momento que parece ter pressa em exercitar-se, a partir da dinâmica de suas propostas. O jornalismo, portanto, concorre de modo decisivo para acelerar os meios de informação como materiais a que se sucedem outros tantos, em face da urgência que o novo século impõe. As crônicas e reportagens dos jornais cariocas têm efeito imediato na construção de um imaginário que se faz necessário à configuração de uma nova ordem de valores, anda que essa ordem possa tropeçar no descompasso que a caracteriza.

Desse modo, o dinamismo da crônica mundana tem na obra de João do Rio, o mais conhecido pseudônimo de Paulo Barreto, a sensação da vertigem provocada pelos primeiros automóveis, assim como pelas primeiras sessões do cinematógrafo, servindo como elemento capaz de redimensionar o gosto de uma elite econômica, que emerge com o advento de República, voltada para o consumo do que se apresenta como expressão alvissareira do capitalismo em um país periférico. João do Rio promove incursões ao submundo dos menores infratores e à ambiência dos morros, sugerindo a existência de espaços de degradação que se adensam ao conjunto da cidade. Esse abismo entre classes parece chegar a um ponto de convergência quando o cronista constata a crise que atinge os chamados chopos

berrantes do Centro, do mesmo modo que inventaria o clima de barbárie das brigas de galos do subúrbio, detectando nesses lugares uma fração incipiente de convivência entre diferentes setores da sociedade carioca. Assim, o mundanismo de seus textos mais expressivos tem o mérito de separar tanto quanto de aproximar elementos movidos pelo mesmo desejo de consumo, o que parece ser a tônica da ordem que se instaura na cidade como paradigma do novo.

Por esse meio, ricos e plebeus comparecem de maneira variada nas crônicas de *Cinematógrafo* (1909) e *Vida vertiginosa* (1911), coletâneas que registram de forma emblemática a precariedade de um modelo que contempla as elites deixando do lado de fora a massa dos deserdados, condenados ao crime e à marginalidade. Do mesmo modo, apontam para a degenerescência como um sintoma moral que atinge indistintamente a todos os setores sociais. Esse olhar sobre um mundo vicioso parece contrapor à descrença nos homens a sucessão dos benefícios da técnica como uma espécie de passatempo à completa inutilidade da existência. Para Tristão de Ataíde, em João do Rio “tudo é radiante, extremado, excessivo, artificial. Em cada gesto humano descobre um mundo de instinto ou de pensamento”. (ATAÍDE, 1939, p. 130). Tendo morrido pouco mais de um mês antes de completar quarenta anos, vive a rapidez de um mundo que se anuncia, mesmo que sua obra não sinalize a chegada dos movimentos da vanguarda, não presenciando o evento modernista brasileiro, ainda que anos antes tenha convivido com Oswald de Andrade. Sua contribuição, por sua vez, permanece esquecida por um lapso significativo de tempo, soterrada pela hecatombe modernista que inaugura um novo momento na história cultural brasileira.

Na verdade, a presença de João do Rio, da forma meteórica como se deu sua aparição e seu sumiço, do ponto de vista do prestígio de que provisoriamente deixou de desfrutar, significa uma expressiva tentativa de atualizar a cultura literária brasileira a partir das ferramentas que lhes eram disponíveis, em um período que antecede a sanha modernista, tendo que negociar a todo instante sua presença nos meios literários e acadêmicos por onde circula. “É esse dândi fora de moda que vai recortar por dentro a violência com que o primeiro surto de industrialização arrebanhou a classe operaria e reduziu à miséria grandes contingentes de mão-de-obra local”. (PRADO, 1983, p. 70). Desse modo, a ambiguidade que se faz representar nas formas através das quais convive com diferentes expressões da sociedade carioca, dando-lhes acabamento literário, o induz a um plano de pertencimento sempre perpassado por uma linha limítrofe que divide o lixo do luxo, e através da qual o cronista indistintamente transita, do bordel decadente ao cassino requintado, do baile de máscaras ao maxixe ordinário. A ênfase a todos esses espaços, cada qual em sua devida proporção, parece dar a medida do que o cronista procura como um recurso ficcional de que se utiliza, independentemente do teor do que venha a representar cada uma de suas crônicas ou reportagens.

Assim, a opção pela leitura de *Cinematógrafo* e *Vida vertiginosa* obedece à relação que essas obras estabelecem com a dinâmica de uma escrita que se relaciona diretamente ao lugar que o jornalismo ocupa na vida cultural do Rio de Janeiro convulsionado por profundas mudanças em sua estrutura política e urbanística. A esse quadro corresponde a crônica de João do Rio como um elemento articulador que se serve da publicação diária para identificar os sintomas

que decorrem desse transe. Desse modo, tanto *Cinematógrafo* quanto *Vida vertiginosa*, a partir de seus respectivos títulos, induzem à ideia de transformação, tendo em vista o movimento das cenas que se sucedem de forma ininterrupta como retrato da cidade. O clima de euforia que se apodera dos setores afetados por um plano de consumo de produtos e serviços até então inusitados dão à cidade, a que o cronista incorpora ao seu pseudônimo, a sensação ilusória de um nível de pertencimento que a equipara artificialmente aos grandes centros do mundo. Por sua vez, esse artifício de modernidade, tendo em vista nosso elevado índice de atraso, funciona apenas no plano de uma compensação provisória e refratária ao conceito de igualdade social.

1. EUFORIA E DECADÊNCIA

O Rio de Janeiro assiste a uma série de mudanças que se impõem, mais que por qualquer outro motivo, pela urgência que a máquina capitalista em sua concepção moderna tem em despejar seus produtos nos países de economia dependente, ampliando seu mercados e o raio de ação seus investimentos. Assim, a euforia dessa belle époque tardia se conforma na Regeneração carioca como preparação do terreno para uma abertura que já vem sendo planejada desde o advento republicano, durante a última década do século XIX. No entanto, se as sucessivas crises econômicas e políticas com destaque para o desgaste decorrente do Encilhamento e da Guerra de Canudos, inviabilizam provisoriamente esse processo, o momento seguinte se faz oportuno, a partir de uma concepção do pensamento que reitera a ordem burguesa, que de modo discricionário toma de assalto o poder, tendo o apoio incontestado das oligarquias rurais que aí se consolidam, de onde advém a maioria dos chefes de governo. Por isso, a reforma urbana empreendida tende a se sobrepor aos interesses populares, abrindo espaços às vias de consumo como condição *sine qua non* ao ingresso canhestro do país no que pode vir a representar um esboço de modernização. Por esse meio a indústria do lazer tende a confirmar sua presença como agente direto desse momento de redefinição.

A produção literária de João do Rio situa-se nesse instante como uma espécie de apêndice de sua atividade de jornalista. As mesas de redação dos diários cariocas são o espaço onde a velocidade dos acontecimentos da cidade inserida em uma nova ordem de consumo assume a dimensão das sensações transitórias, inerentes ao fluxo do tempo em que se vive. Sobre João do Rio, “ele próprio se apelidou repórter e como tal escreveu uma porção de livros raros, cintilantes, todos eles com essa preocupação de interpretar pela atualidade o problema geral de nossa civilização”. (AMADO, 1971, p. 30). Por sua vez, a publicação de *Cinematógrafo*, que referenda a coluna que João do Rio assina na Gazeta de Notícias como série dos instantâneos da cidade, a partir de um olhar sobre a Avenida Central, envolve a classe dominante, mas também estende-se aos morros, estalagens e bairros da zona portuária, contíguos a essa área de interesse. Assim, a crônica que sistematiza sua atuação de jornalista toma ciência de um vasto repertório de acontecimentos que identifica do mesmo modo os diferentes escaninhos da grande cidade. “A impressão que se tem é de que João do Rio passeia

em companhia de Joe, de Godofredo de Alencar, ou do Barão Belfort, isto é, em companhia de um *alter-ego* ou de um *doppelgänger*. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 84). O Rio de Janeiro, a essa altura, chegar a beirar seu primeiro milhão de habitantes, convivendo com a desigualdade que separa as zonas de excelência dos subúrbios assolados pelo abandono do poder público. No entanto, percebe-se que a cidade, aos olhos do cronista, estende-se ao entorno do centro redefinido, não indo além desse perímetro, contudo, apresentando-se em uma dimensão de grande metrópole, em medidas que parecem proporcionais ao que descreve.

Por outro lado, o interesse da crônica que alimenta os jornais parece não ter limite, quando o cronista viaja em um trem de subúrbio até o Sampaio, para assistir às brigas de galos. Na crônica “O barracão das rinhas” (RIO, 2009, p. 75-81), o convívio da gente anônima com personalidades como o senador Pinheiro Machado e o poeta Luiz Murat ratifica o trânsito que essa escrita assume, na medida em que a oferta de diversão às elites, a exemplo do que se configura nos primórdios do futebol, são insuficientes à demanda por novas manifestações dessa natureza. Dito isso, do mesmo modo que as distintas camadas sociais se juntam, também se distanciam, cada qual em seu respectivo meio, havendo aí apenas uma aliança provisória. “Essa febre de mundanismo que o Rio começa a viver reflete-se nas relações literárias. As seções mundanas dos jornais ocupam-se, ao mesmo tempo, de literatura”. (BROCA, 1975, p. 4). Por outro lado, os operários da companhia de gás entram em greve, deixando a cidade às escuras. Na crônica “Os humildes” (RIO, 2009, p. 139-144) evidencia-se o lugar específico da exclusão a que são submetidos os que lidam com a exposição ao perigo para gerar o conforto das classes superiores. Desse modo, o que equivocadamente parece refletir a ambição do jornalista, afetado por um dandismo que se verifica desde seu traje exótico até a relação com as rodas do *high-life*, resulta na forma indignada com que sua crônica postula o direito dos grevistas.

A reiteração do otimismo cartorial das elites alçadas ao poder, a partir dos princípios defendidos por figuras proeminentes que, atreladas ao credo positivista, constituem-se na vanguarda reformista republicana, apontam para o lado de nossa condição de república de cartolina e papel crepom, que não se sustenta diante das sucessivas intempéries que assolam o povo faminto e analfabeto, condenado pela incúria dessas mesmas elites dirigentes. Assim, há um abismo a separar situações visivelmente distintas, a exemplo da crônica “O milagre da mocidade” (RIO, 2009, p. 200-204), quando o cronista bajula as hostes do poder atreladas às reformas de Pereira Passos, e uma outra crônica, intitulada “As crianças que matam” (RIO, 2009, p. 28-33), que estampa a delinquência juvenil nas imediações do cais do porto, onde também afirma ter havido um cemitério de escravos. Nesse local, ocorre uma mistura das línguas africanas com o francês e o inglês, e também aí se vende o maduro, bebida produzida a partir da fermentação das cascas do abacaxi. Na passagem entre os trapiches do porto e a linha férrea, a cidade apresenta sua face nebulosa, diferindo dos ambientes requintados de uma sociedade *smart*.

Por seu turno, no que diz respeito às ações reformistas do governo, a crônica “Ontem e hoje” (RIO, 2009, p. 34-39) recorre a um velho lente para constatar a falácia oficial da decantada reestruturação imposta à educação, que resulta muito mais do interesse político que da efetiva necessidade de gerar oportunidades amplamente abertas de acesso ao saber. Mais ainda, a crônica dá conta de um

recorte essencialmente burguês da sociedade, excluindo a grande massa, para a qual não se cogita nenhuma forma de equiparação através do ensino. Do mesmo modo, o jornalismo de que toma parte efetiva-se como ganha-pão dos incultos, apaniguados a qualquer indicação política que os favoreça. Assim, a crônica “O charuto das Filipinas” (RIO, 2009, p. 183-187) denuncia o jornalismo como como uma espécie de ação entre amigos, que tanto serve ao elogio quanto à difamação, colocando-se como cerne da questão que envolve a cavação e o carreirismo político, o aliciamento pernicioso e o arrivismo de última hora como a própria ideia de um sistema que tem por base o favorecimento e o clientelismo. O jornalismo, portanto, constitui-se em mecanismo que corresponde à velocidade com que essa sociedade desestruturada pensa em poder dar vazão a sua demanda por inserção na órbita dos novos apelos de consumo.

O clima de decadência que se apodera de uma casta de burgueses ávidos por diversão corresponde ao mesmo sentido de euforia que se volatiliza como um perfume de fragrância passageira. O Barão Belfort, personagem presente em várias narrativas de João do Rio, é como uma espécie de Lord Henry tropical extraído do famoso romance de Oscar Wilde que tem no autor de *Cinematógrafo* um admirador confesso. Assim, na crônica “Gente de music-hall” (RIO, 2009, p. 7-13), o velho dândi se compraz no camarim ante as lágrimas da dançarina exótica enganada pelo empresário que não lhe paga. Do mesmo modo, o clima de permanente prazer se converte na derrocada dos chamados chopos berrantes, condenados ao fracasso, na medida em que a dinâmica do consumo impõe sucessivas regras aos negócios em voga. Por isso, a crônica “A decadência dos chopps” (RIO, 2009, p. 92-97) evidencia o abandono desses lugares onde pontificavam artistas nacionais e estrangeiros. O enorme sucesso que se agregara a essas casas acaba por decair ao extremo, representado pelo espetáculo pífio dos poucos estabelecimentos que sobrevivem ao descaso do público.

O círculo dos acontecimentos da cidade impõe mudanças drásticas como as que transferem o mercado do Cais Pharoux que, em nome da modernização, é extinto, gerando um clima de enorme insatisfação. Por conta do conforto e da higiene, a crônica “O velho mercado” (RIO, 2009, p. 153-158) evidencia uma ordem de coisas que lança por terra a tradição a partir de uma ideia de progresso, derrubando antigos pardieiros como pretexto à civilização a que se impõe o automóvel como um símbolo da velocidade desses tempos. Os mercados obsoletos, as casas de pasto, os botequins, os malandros, os ciganos e os mendigos sofrem um duro golpe, escorraçados do lugar onde suas vidas se constituem. Essa ideia de regeneração estende-se à repressão ao homicídios que grassam em vários pontos da cidade. A crônica “A polícia de costumes” (RIO, 2009, p. 225-230) aborda o desvio de conduta a partir de medidas de prevenção ao porte de armas, o que de algum modo denuncia o descontrole que toma conta da cidade em expansão. A repressão policial justifica-se, segundo a crônica, na diminuição da criminalidade de que a população tanto cobra das autoridades.

Visitas ao Manicômio da Praia da Saudade, na Urca, ou ao Convento dos Capuchinhos, no Morro do Castelo, se contrapõem à Exposição Nacional de 1908, em comemoração ao centenário da Abertura do Portos do Brasil. “Ora a confeitaria, ora o botequim, mas sempre a cidade e a rua.” (ANTELO, 1989, p. 15). Assim, o cronista não se furta a percorrer indistintamente os diferentes escaninhos da

cidade, oferecendo aos leitores de jornal um mosaico de seus acontecimentos. A Exposição Nacional pontifica como acontecimento a que João do Rio dedica algumas das crônicas de *Cinematógrafo*. Isso corresponde à tentativa de inserção do país na dinâmica do mundo desenvolvido, haja vista a intenção declarada dos órgãos de governo em dotar esse evento das condições necessárias à transmissão da ideia de um país em franco processo de expansão de seu potencial. O contato com os índios, na crônica “Impressões Bororós” (RIO, 2009, p. 245-249) dá a medida da distância que separa o Rio de Janeiro, especificamente em sua cultura de superfície, dos matizes do povo que nos fundamenta a origem. Mais ainda, também no âmbito da Exposição Nacional, a ignorância das elites a respeito do próprio país fica evidente na crônica “Quando o Brasil descobrirá o Brasil?” (RIO, 2009, p. 194-199) em que os presentes, versados nas coisas da Europa, desconhecem o fato de Minas Gerais não ter saída para o mar.

2. A CIDADE E O HOMEM

O dândi que não se furta a oscilar entre o requinte e a degradação, em suas andanças pela cidade frequenta salões de conferências e *five ‘o clock teas* com a mesma disposição de ânimo, o que se traduz em seu incontido desejo de estreitar vínculos entre a cidade e seus habitantes. Assim, não importa o tecido de que se compõe essa ou aquela camada social. Medidas as diferenças, João do Rio utiliza-se da escrita rápida do jornalismo para fixar tipos, descrever ambientes e revelar modos e usos. A apoteose representada pela chegada ao Rio de Janeiro dos primeiros automóveis insere na crônica de jornal elementos absolutamente inusitados, se pensarmos no hiato que separa seus textos da antiga ordem que grassava na imprensa carioca. Na crônica “A era do automóvel” (RIO, 1911, p. 3-11), o monstro rugidor que irrompe nas ruas parece espanar em seu trajeto a poeira dos escombros deixada pela reurbanização, encerrando com isso um modelo de obsolescência para inaugurar paradigmas da mais absoluta modernidade. A crônica exalta no automóvel um período de extremo otimismo, o que por sua vez ainda se coaduna às expressões de modelos arcaicos.

A velocidade das ações contaminam o jornalismo de onde emanam parte significativa das crônicas de João do Rio. Arrimadas à pressa das salas de redação, por vezes fazem referência à própria efemeridade do jornal como objeto para ser lido e, em seguida, jogado fora. Ao parafrasear o título de um famoso romance de Balzac, a crônica “Esplendor e miséria do jornalismo” (RIO, 1911, p. 171-180) desnuda os bastidores da imprensa como espaço propício à inveja, à maledicência e à calúnia, onde se destacam apenas os que lançam mão de expedientes como a cavação e a bajulação, permanecendo no anonimato e na penúria os que simplesmente trabalham. “O desenvolvimento do “novo jornalismo” representa, contudo, o fenômeno mais marcante na área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento do grupo intelectual”. (SEVECENKO, 1995, p. 94). O jornalismo, portanto, é visto como cenário das articulações do poder onde o dinheiro impera na projeção ou no arrasamento de reputações, configurando-se na mais abjeta miséria a que pode chegar a condição humana. Ao destituir o princípio moral do jornalismo de que faz parte, João do Rio serve-se das formas de detratar

como artifício capaz de confirmar sua presença nesse meio, imiscuindo-se a ele como espécie de via sem retorno.

Assim, a partir da degradação moral que atinge os jornais, que regateiam verbas secretas com os governos em troca de defender negócios duvidosos, João do Rio adentra a outra condição da miséria, na companhia de malandros tocadores de violão, com que se encontra, no Largo da Carioca, ao subir o Morro de Santo Antônio. “Esboços precários de ficção dissimulada movem-se com a plenitude das personagens em estado puro, sustentados por uma cumplicidade irônica do narrador com a vantagem de chegarem ao leitor como fratura exposta que não comporta retoques.” (PRADO, 2004, p. 61). Desse modo, na crônica “Os livres acamamentos da miséria” (RIO, 1911, p. 143-152) os argumentos em torno de uma cidade que se regenera ao som das picaretas da civilização desmoronam como um castelo de cartas, haja vista a condição subumana que viceja ao lado dos cafés e confeitarias frequentados por setores do *jet-set* carioca. A matéria da crônica faz com que o cronista não se furte a ir a esse local, quando as luzes da cidade desaparecem e se tem a impressão de estar na roça, tão longe e tão perto, para que se possa ouvir o samba, motivo pelo qual João do Rio se delibera a subir o morro. A cachaça coaduna-se à cantoria e à falta de regras de uma comunidade que parece constituir-se em uma cidade dentro de outra cidade. A tuberculose, vinda da tosse e dos escarros de dentro de um barraco, e a epidemia de varíola não são suficientes para que o cronista perca a oportunidade de constatar *in loco* o que chama de arraial da indigência e da miséria cantadeira.

Diante de um quadro de extremos, que se impõe ao olhar do cronista, há que ser pensada a precariedade com que certas atividades ligadas à propagação do consumo têm efeito, uma vez que a Regeneração preocupa-se com a redefinição do núcleo onde predomina o esplendor da Avenida Central e seus espaços contíguos como um cartão postal. Assim, na crônica “O reclamo moderno” (RIO, 1911, p. 71-84), destaca-se a figura do agente de propaganda com crédito para poder beber dezenas de garrafas de cerveja, induzindo os consumidores a segui-lo na preferência por determinada marca. “Não se trata mais de investigar apenas como a literatura *representa* a técnica, mas como, apropriando-se de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema, ao cartaz, transforma-se a própria técnica literária”. (SÜSSEKIND, 1987, p. 15). Nessa crônica, João do Rio aponta a necessidade da propaganda como imperativo à ordem correspondente à velocidade dos novos tempos. Não importa a qualidade do produto, tampouco a verdade dos fatos, desde que a propaganda surta efeito e seu resultado mantenha em evidência uma determinada marca em detrimento das demais, nessa ávida seara de disputa.

Do mesmo modo que em sua crônica de jornal anuncia a propaganda como eixo dos negócios que movimentam a ordem capitalista em um mundo sem medida, movido pela compulsão, João do Rio aponta para o vício do jogo como uma febre que toma conta da cidade. Na crônica “Jogatina” (RIO, 1911, p. 127-140), o desejo das apostas assume proporções inimagináveis, havendo quem jogue não apenas nas corridas de cavalos, nas brigas de galos, nas loterias, no jogo do bicho, como também no pocker, na roleta e no bacará, além das apostas nas candidaturas, na oscilação do câmbio, na morte de pessoas. Esse delírio parece assumir as expressões de um paroxismo sem limites, a partir de salas destinadas a vários

tipos de jogos, desde os mais mundanos aos mais aristocráticos. A sorte grande ou a ruína inexorável tomam conta de uma cidade que, aos olhos do cronista, assume posição definida face à dinâmica representada pelo primeiro surto do capitalismo moderno no país. O que por vezes pode vir a manifestar uma expressão hiperbolizada do sistema, de algum modo ratifica-se, sob o olhar de João do Rio, no sentido multitudinário da cidade que se abre às diversas expressões do consumo.

O vício e a perversão assumem um tipo de requinte social que é parte integrante do ambiente de mudanças aceleradas de que *Vida vertiginosa* se faz porta-voz. Na crônica “Modern girls” (RIO, 1911, p. 87-95), as adolescentes se prostituem com o aval da própria mãe, que serve de cicerone ao conúbio das filhas. A sociedade se desmascara diante da imposição que o dinheiro e a projeção social podem conferir aos sem berço de ouro. Na crônica, a perversão é o fenômeno de uma civilização ambiciosa. A miséria e a fome, entre os pobres, a ostentação do luxo, entre os burgueses, o vício e a degeneração, entre os ricos, funcionando como fatores decorrentes das opções de irrestrito prazer de uma cidade que se transforma. A sede de sensações à beira da vertigem provoca uma histeria social a que o cronista constata como uma exacerbação do que seria improvável ocorrer dez anos atrás. O instante em que se vive sugere o desregramento de que João do Rio se utiliza como matéria em sua crônica para dar conhecimento do transe que envolve ao mesmo tempo euforia e decadência. Assim, a crônica assume a rapidez e a frivolidade dos passeios de automóvel à Avenida Beira-Mar ou ao Jardim Botânico.

O Rio de Janeiro que se expõe nas páginas de *Vida vertiginosa* atropela as convenções em nome dos conceitos de progresso e civilização que buscam sepultar o que sobrou da Monarquia ainda recente, em favor de uma República que pensa incorporar as formas do novo sem com isso ensejar uma abertura capaz de dotar os excluídos de condições mínimas de superação da miséria de que são vítimas. Quando João do Rio faz referência ao fim dos bondes movidos por tração animal, na crônica “O último burro” (RIO, 1911, p. 323-330), refere-se a esse meio de transporte no entorno da cidade beneficiada pelas obras do Prefeito Pereira Passos. No entanto, a substituição completa dos burros pelos veículos elétricos demoraria por mais duas décadas nos subúrbio da Zona Norte, em recantos de aparência rural, onde as obras da Regeneração sequer chegariam. “Não é o Rio, tão humano e tão brasileiro, de Machado de Assis e Lima Barreto, que aqui se evoca, mas o Rio cosmopolita dos esnobes, sempre com um pé nos transatlânticos”. (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 279). Portanto, o recorte de um modelo de civilização movido pelos interesses do capital de que tratam suas crônicas atende a uma demanda de progresso material que ao mesmo tempo esbarra nas formas da pobreza extrema circunscrita a esse mesmo espaço. O fim dos bondes puxados por burros, no perímetro do centro urbano, apenas camufla a existência de uma cidade bem maior que essa a que observa o cronista.

Assim, a concepção da cidade com toda a sua carga de transgressões tem nas crônicas de *Vida vertiginosa* a acepção do bem-estar conquistado pelas vias do trabalho que se multiplica dando vazão a seguidas profissões, a exemplo do que enfeixa a crônica “O trabalho e os parasitas” (RIO, 1911, p. 223-236), em que o larápio contumaz, após uma temporada na prisão, assume o que chama de profissão ao hábito de pedir dinheiro, ou seja, morder as mais diferentes vítimas,

sem que isso se confunda de modo algum com a mendicância. Os gatunos envolvidos com a alta sociedade ocupam o lugar dos antigos salteadores, que começam a desaparecer. A isso se adensa a ideia de corrupção como uma normalidade. A exploração parasitária se consuma em atividade aos que bajulam os capitalistas, extorquem as viúvas e vivem da fruição de um tempo em que o sentido moral dos atos desaparece ante a rapidez que se impõe à ordem das sensações. João do Rio, na condição de cronista efeito a temas sempre inusitados, inscreve-se como agente de um momento de transformações entre a velha ordem como herança do século que lhe é anterior e os seguidos tropeços de um tempo que busca vir a acertar o passo.

Referências

- AMADO, Gilberto. **A chave de Salomão e outros escritos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- ANTELO, Raúl. **João do Rio: o dândi e a especulação**. Rio de Janeiro: Taurus, Timbre, 1989.
- ATAÍDE, Tristão. **Contribuição à história do Modernismo: o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.
- _____. **Naturalistas, parnasianos e decadentistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro, Brasília: Civilização Brasileira, INL, 1978.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- PRADO, Antonio Arnoni. "Mutilados da Belle-Époque: notas sobre as reportagens de João do Rio" In: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **Trincheira, palco e letras: literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. **Vida vertiginosa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Para citar este artigo

VALENTE JÚNIOR, Valdemar. Literatura e jornalismo: João do Rio e a Belle Époque carioca. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 4, n. 1, p. 45-56, jan.-jun. 2015.

O autor

Valdemar Valente Junior é Professor adjunto da UniverCidade; Professor Assistente da Universidade Castelo Branco e Faculdade Paraíso. Doutor em Ciência

da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Autor de *Dispersa sequência: ensaios de literatura brasileira*; Palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira.

95